

Humberto Maturana
 Palestra para professores do Ensino Básico
 Universidade Católica de Santiago do Chile,
 20-07-90
 Transcrição: Nelson Vaz e Cristina Magro

Muito obrigado á Universidade pelo convite, e a vocês pela presença, porque acontece que vocês sabem muito mais do que eu a respeito do que vou falar. Sabem muito mais do que eu por várias razões, vários motivos. Várias circunstâncias, que por suas relações, se somam.

Para começar, uma pessoa vive neste mundo do educar como eu. Mas vocês, além disto, são pessoas que fizeram da educação uma tarefa, uma função principal. De forma que eu não pretendo dizer nenhuma coisa nova. O título desta palestra não é adequado. Não me recordo sequer se eu o coloquei, mas retiro-o agora, porque não vou falar de uma coisa nova. Vou falar de algo que todos sabemos, e que tem uma história muito longa, porque é a história da humanidade.

Todos, vocês e eu, vivemos imersos no ensinar. E vivemos assim não porque isso seja uma atividade profissional particular – como muitos de vocês que estão orientados para afazeres docentes na orientação de crianças. Eu, em particular, nunca fui professor de crianças pequenas, mas sou professor de jovens um pouco maiores que procuram a Universidade. Mas somos todos professores e alunos, uns dos outros, no viver cotidiano. Vocês me convidam para que dê uma palestra e, com isto, quase me põem na posição de mestre. Mas quando eu me oriento em direção a vocês e observo o que fazem no momento em que falo, e escuto seu escutar, vocês são também meus mestres.

De modo que, nesta honra, nesta distinção que vocês me fazem, convidando-me a falar sobre aprendizagem, eu quero fazer duas coisas: por um lado, falar do aprender como um fenômeno biológico: por outro, falar do que faço na Universidade.

O que é o aprender como fenômeno biológico?

Uma nova concepção de aprendizagem

Vou usar um pequeno diagrama que vocês podem conhecer de coisas que escrevi antes. É um esquema simples por um lado de por outro rico no contexto que pode evocar e revelar.

Como parênteses: eu sempre falo da mesma coisa! É como no teatro balinês. O teatro de sombras de Bali é um teatro de fantoches que se representa em circunstâncias especiais, nas quais uma família ou uma comunidade tem uma pergunta, vive um conflito. O que se pensa em Bali é que os conflitos surgem sempre pela presença de um demônio. Os balineses têm um modo especial de viver no ondulatório, no circular. As entradas das casas são como as que, às vezes, encontramos em restaurantes chineses, ou como entradas de arenas de touradas : há um anteparo frente á porta que obriga quem entra a fazer uma curva. Porque, crêem os balineses, as pessoas se movem ondulatoriamente e os demônios em linha reta, de modo que, ao tentar penetrar na casa, eles se chocam com o anteparo (Figura 1).

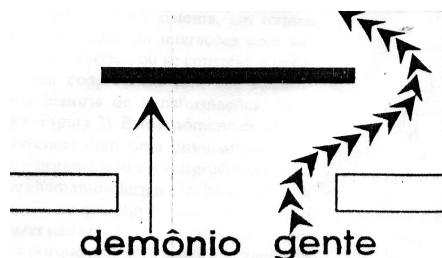


Figura 1: O movimento ondulatório dos balineses contrasta com o movimento unidirecional dos demônios, que são impedidos de entrar nas casas pelos anteparos.

A cultura balinesa é uma cultura circular, o modo de falar tem a ver com o circular, a música é uma música circular. E, então é o que se faz no teatro de sombras é representar sempre a mesma obra, ou melhor: pode ser que haja um repertório de três ou quatro peças, mas se representa sempre um destas obras, que são conhecidas por todos. Todos sabem que se trata. As peças são representadas em frente á casa, e os que as assistem estão do lado de fora. O demônio se distrai e não entra na casa.

Mas em que consiste a arte dos que manipulam os fantoches? Sua arte em escolher uma parte da obra, que é uma obra circular, e expandi-la. Por exemplo, pode se tratar da obra em que o rei recebe mensageiros que lhe dizem que tem um inimigo que vai invadir o reino, e ele necessita preparar-se para a guerra. A peça se inicia com as conversas do rei com seus conselheiros na corte, e estes conselheiros lhe dizem que ele necessita da ajuda de um duende. Este duende é Acuna, que está na selva, meditando. De modo que é preciso convocar uma comitiva que vá a selva, encontre Acuna e o retire de sua meditação, e o convide, o seduza a guiar os exército do rei contra o inimigo. Depois de alguma resistência, Acuna se deixar seduzir, vai e guia os exércitos do rei, faz-se batalha, o inimigo derrotado. Acuna volta a meditar na selva, a comitiva volta a meditar na selva, a comitiva volta ao palácio e a obra termina começou, na conversa do rei com seus conselheiros e os mensageiros que chegam para avisar que Acuna está outra vez a meditar, na selva. O que fazem os artistas dos fantoches é escolher um trecho desta obra a expandi-lo. E que pedaço escolhem? Pode ser qualquer um. É sempre a mesma historia ou algo parecido.

De modo que eu sempre falo a mesma coisa. E falo sempre do fenômeno do conhecer e de como ele nos envolve e tem a ver com o nosso viver. Mas o que quero expandir agora são certas reflexões sobre o que se passa nesta situação: o ser vivo em sua circunstância. Seja esse um ser vivo:

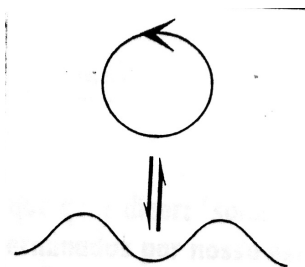


Figura 2: O ser vivo em sua circunstância. A seta no círculo ilustra o caráter circular e fechado da organização do ser vivo. O par de setas adicional indica que o ser vivo atua sobre sua circunstância, ao mesmo tempo que sua circunstância atua sobre ele.

“Um barco á deriva está á deriva no sentido de que alguém que esteja dentro do barco não pode fazer nada para determinar o seu trajeto.”

Este esquema representa qualquer ser vivo: nós mesmos, uma criança, um cão, um gato, uma bactéria. O ser vivo encontra-se em sua circunstância vivendo interações recorrentes. E há duas coisas que tem que acontecer para que o ser vivo permaneça imerso em sua circunstância e tenha uma história, isto é, não seja um episódio que se desvaneça imediatamente porque o ser vivo está morrendo. Para que exista uma história tem que ocorrer interações recorrentes nas quais o ser vivo está morrendo. Para que exista uma história tem que ocorrer interações recorrentes nas quais o ser vivo conserva sua organização de ser vivo e conserva sua congruência com sua circunstância.

Ainda há pouco eu vinha apressado para não me atrasar e, porque estava apressado, levei um tombo. Pensei: claro, sempre que a gente se apressa pode cair. Porque não vê. Ao cair, minha congruência como personagem bípede com minha circunstância e me transformei em um animal estirado no chão. Felizmente conservei minha condição de ser vivo porque, se não a conservasse, morreria.

A história individual de cada ser vivo transcorre exatamente nestes termos de interações recorrentes, nas quais se conserva a organização e a congruência com o meio, ou não se conserva e o ser vivo morre. Isto é válido, sem duvida, para qualquer sistema, em termos gerais. Qualquer sistema existe em interações com sua circunstância e, nestas interações, ou se conserva a organização do sistema em congruência com sua circunstância e existe uma história de transformações, ou o sistema desintegra (Figura 3). Este fenômeno do existir em interações recorrentes com uma circunstância nas quais se conservam a organização e a congruência com a circunstância nas quais se conservam a organização e a congruência com a circunstância é o que chamamos deriva. Um barco á deriva está á deriva no sentido de que alguém que esteja dentro de barco não pode fazer nada pra determinar o seu trajeto. Permanece na deriva porque conserva sua organização de barco, porque no momento em que se quebrar não será mais um barco. E conserva a congruência com sua circunstância porque conserva a relação de flutuar, porque no momento em que afundar não estará mais na deriva desintegra-se, desaparece.

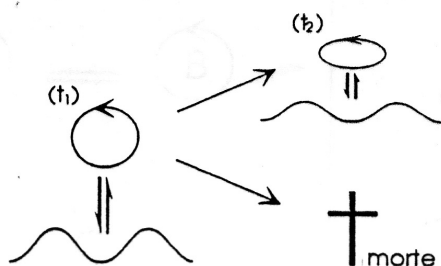


Figura 3: Ou os seres vivos mantêm sua organização e sua congruência com o meio em interações recorrentes e estabelecem uma história, ou perdem a organização e a congruência e desaparecem, morrem.

Todos os seres vivos existem em uma história de modificações estruturais sob interações recorrentes com sua circunstância, em condições de conservação de sua organização – que os define como seres vivos, como pertencentes à classe de sistemas que somos – e em congruência com sua circunstância. Quando isso interrompe ocorre a morte.

A Figura 3 ilustra que o ser vivo sofre transformações de t_1 para t_2 . Ele continua a manter sua organização, indicada pela seta voltada sobre si mesma, mas sua estrutura é diferente. Neste esquema a circunstância, isto é, a forma do encontro também muda. O ser vivo em t_1 tem uma forma diferente, e sua circunstância tem uma forma congruente com a do ser vivo.

Isto que indico neste esquema se passa inevitavelmente assim pelo simples fato de que nós, como seres vivos, somos sistemas determinados por nossa estrutura. O que quer dizer: somos determinados por nossa estrutura? O que quer dizer: somos determinados por nossa estrutura? Quer dizer que somos sistemas tais que tudo o que se passa conosco se passa segundo a maneira como estamos feitos. Quer dizer ainda que os encontros, as interações somente desencadeiam mudanças em nossa estrutura. O agente externo com o qual nos encontramos não especifica o que se passa conosco, não determina o que se passa com um ser vivo.

“O que quer dizer: ‘somos determinados por nossa estrutura?’ Quer dizer que somos sistemas tais que tudo que se passa conosco se passa segundo a maneira como estamos feitos”.

Vivemos em uma cultura ambivalente em relação a isso. Por um lado, isso é obvio. Se alguém da um esbarrão em uma mesa e adquire uma mancha roxa como uma consequência, como algo associado a esse golpe na mesa, alguém pode comentar. “Olhe, você não estaria

com fragilidade vascular? Deu somente uma pancadinha e já está com esta mancha roxa” A que está fazendo referencia esse comentário? À estrutura da pessoa. Está se dizendo que o que se passa conosco depende de nossa estrutura. É claro, ocorreu a pancada, mas o comentário faz referencia a que a pancada foi pequena e que a mancha roxa tem a ver com a estrutura da pessoa.

Por outro lado, vejo isso como se a pancada houvesse determinado o que aconteceu à pessoa. O que quero frisar é que, nessa ambivalência nós não vemos que tudo o que se passa a um ser vivo está determinado nele, determinado por sua estrutura, e que os agentes externos somente podem desencadear uma mudança estrutural determinada pela estrutura do ser vivo. E isso é válido para nós também.

Há outras dimensões que frequentemente nos preocupam, das quais não vou falar agora. Posso simplesmente dizer-lhes o que penso a respeito delas. Mas não vou discuti-las agora. Elas tem a ver com a nossa aceitação freqüente de que existe algo no ser humano que não depende de sua estrutura. Eu não estou de acordo com isto. Eu penso que todas as dimensões do humano, desde a vida espiritual à vida pratica e material, corriqueira, dependem de sua biologia. Não quero entrar nisso agora porque não é momento de fazê-lo. Mas peço a vocês, por favor, que atentem para o que estou dizendo ao menos como uma afirmação biológica que é totalmente defensável no que se refere à estrutura do ser vivo. Os seres vivos são sistemas determinados estruturalmente e tudo o que se passa com eles a cada instante resulta de sua dinâmica estrutural e é determinado por ela de marca que os objetos externos podem somente desencadear mudanças estruturais determinadas pela própria estrutura dos seres vivos. E o viver é uma historia na qual o curso das mudanças estruturais que se vive é contingente à historia de interações pelo encontro com os objetos. E nessa historia de mudança estrutural, contingente à sequencia de interações o ser vivo e sua circunstâncias mudam juntos. Este é o ponto crucial: o ser vivo e sua circunstâncias mudam juntos.

Não que o ser vivo determine as características de sua circunstância, porque o seu meio é também um sistema determinado estruturalmente. O que se passa é que em cada encontro as mudanças estruturadas do sistema são tais que ele sai de cada encontro com conservação da organização (congruência com seu meio) ou então morre. De modo que o curso que se segue é o único que se pode seguir, dadas a estrutura inicial e a circunstância de maneira que esse sistema, por sua vez tem uma dinâmica estrutural independente de seu meio.

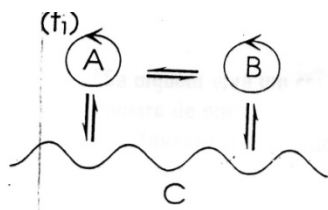


Figura 4: Dois seres vivos em interação

Na verdade é isso o que ocorre quando dois sistemas com dinâmicas estruturais independentes interagem. A dinâmica do ser vivo implica a conservação do ser vivo. A dinâmica do meio implica a conservação de outro tipo de interações. Pode tratar-se de interações de um ser vivo com o outro (figura 4). Parte da circunstância do ser vivo A é constituído por B+C. O que se passa com esse ser vivo é exatamente o mesmo que nas interações com o meio.

Todos nós temos experiência disso. Todos sabemos o que se passa com os sapatos que vão transformando junto com os pés, ou o que se passa com as roupas que vão se transformando junto com o corpo. Todos sabemos o que ocorre quando usamos um paletó ou um par de sapatos durante algum tempo. Mas se comprássemos dois pares de sapatos idênticos e guardássemos um deles e, depois de dois anos, decidíssemos que já usamos bastante um dos pares e que vamos experimentar o par que estava guardado, descobriríamos que já não nos serve tão bem quanto quando compramos. Mas os sapatos usados nos servem bem! O que se passou é que os pés mudaram juntos! Então esses pés já não são os mesmos que eram quando compramos os sapatos. E embora o par guardado fosse idêntico ao outro, já não nos serve bem. Pés e sapatos mudam juntos em uma história de alterações estruturais.

Conosco se passa exatamente o mesmo. Vivemos como num deslizar no viver, na deriva, como faz uma pessoa ao esquiar, como fazemos todo o tempo ao caminhar. É como fazemos ao correr, quando nos deslocamos ou caímos. Podemos cair várias maneiras, dependendo das condições em que fomos deslizando.

Se eu, como observador, uso o artifício de olhar alguém em um momento inicial e logo olhá-lo em um momento posterior, em congruência com sua circunstância, como representado na figura 5, posso dizer como pode A, em t_1 transformar-se em A, em t_2 , que é congruente com esta outra circunstância? Tem que ter se adaptado, tem que ter se acomodado á segunda circunstância. Tem que ter aprendido. Surge a expressão aprendizagem como uma variável que tem uma dimensão de alguma forma, intencional. Com alguma conotação de intenção e de esforço. Quando eu olho para A em t_1 , neste diagrama, e olho para a circunstância em t_2 , vejo que não coincidem. Para que coincidam, A em t_1 tem que achatar-se, tem que transformar-se em A em t_2 . Penso que alguma força tem que atuar sobre A em t_1 para que ele se achate e adquira congruência com essa segunda circunstância.

Se eu considero uma interação entre dois seres vivos em duas circunstâncias distintas e considero as mudanças de A de t_1 para t_2 , posso ser levado a concluir que A teve que aprender a viver em (B+C) no tempo t_2 . E vejo a aprendizagem como um processo de adaptação, de acomodação a uma circunstância diferente daquela em que o organismo – a pessoa, a criança – se encontrava originalmente.

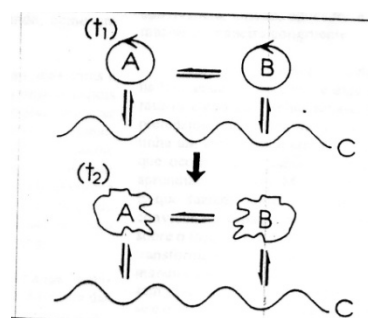


Figura 5: Dois seres vivos em interação em congruência com suas circunstâncias, em dois tempos distintos de suas existências.

Mas se considera a história, vejo que isso não se passou assim. Porque, ao considerar a história, vejo que não ocorreu nenhum esforço. Em nenhum momento A esteve no processo de adaptar-se a (B+C) no tempo t_2 . Se insisto em fazer a pergunta de uma forma "ahistórica"

“Se alguém vive um certo numero de anos, inevitavelmente termina com uma circunstancia diferente da inicial e, portanto, fazendo coisas diferentes das que fazia no começo”

vejo que A tem que transformar-se de uma maneira direcional, tem que aprender a viver em (B+C) em t2. Mas quando considero a história, vejo que não aconteceu assim, vejo que o ser vivo e sua circunstância se transformam de maneira congruente.

Uma velhinha pode dizer a alguém: “Eu conheci você quanto começou a estudar Medicina, e agora é um doutor, isto deve ter lhe custado muito esforço...tantos anos, tantas horas gastas no esforço continuo de aprender” Mas, se essa pessoa é honesta e gostava do que fazia quando estudava medicina pode responder dizendo: “A vizinha não me custou esforço algum. Na verdade, nem sequer me dei de conta.” Compreenderam? Quando eu era estudante de Medicina, me intrigava observar colegas que sofriam. Eu não. Não que não ocupasse meu tempo em ler, em estudar, em praticar. Claro que fiz isto! Mas passei pela Universidade assim, deslizando, como um esquiador.

Eu vou lhes dizer um par de coisas, mas antes é preciso entender que esse processo de o organismo, depois de uma certa história de interações recorrentes, aparecer com uma estrutura diferente da que possuía originalmente, em congruência com uma circunstância diferente da inicial, ocorre, necessária e inevitavelmente, no fluir do viver. Se alguém quer estudar Medicina, ele se coloca na circunstância e flui em congruência com ela. Se perde a congruência com a circunstância, desintegra-se como estudante de Medicina, sai da escola, ou morre.

Se alguém vive um certo número de anos, inevitavelmente termina com uma circunstância diferente das que fazia no começo. E se não esteve lutando com o que fazia, não lhe custou nada. “Ah, bem, mas eu me lembro quando você estava estudando às 3 da madrugada...” Sim, claro, mas não fazia nenhum esforço. É completamente diferente: praticar na angústia de se fazer o que não se deseja e praticar no prazer de fazer o que se faz. Se minha prática se dá no prazer de fazer o que estou fazendo, meus músculos se cansarão, mas não faço nenhum esforço durante o processo.

Mas isso não se pode entender sem entender que a história de vida de um ser vivo qualquer é uma deriva em condições de conservação da organização e da congruência com a circunstância, ou seja, a adaptação, e em uma mudança estrutural contingentes a

sequencia de interações de modo que organismo e a circunstâncias mudam juntos.

Eu, como observador, olhando a figura 5 em t1 e t2, concluo que houve aprendizagem houve esforço, houve acomodação para chegar-se à condição t2. Mas isso não ocorre.

Agora vocês me perguntam: “O que é educar?” e eu lhes digo que educar é uma coisa muito simples: é configurar um espaço de convivência desejável para o outro, de forma que eu e o outro possamos fluir no conviver de uma certa maneira particular. Eu lhes respondo que quando se consegue que o outro, a criança, o jovem, aceitem o convite à convivência, educar não custa nenhum esforço para se viver.

Se vocês me perguntam: “Custou-lhe algum esforço vir para cá?” Digo: não me custou nada. (E cá! no caminho!). E a vocês: custou algum esforço levantar cedo para vir para cá? Somente se não queriam vir para cá? Somente se não queriam vir para cá! Se o queriam, levantaram-se cedo, fizeram as coisas com um certo ritmo, mais nada. A vida não nos custa nada. A luta com o viver é que nos escuta.

Segundo o que acabo de dizer, a tarefa do educador é criar um espaço de convivência para qual se convida o outro, de modo que o outro esteja disposto a conviver conosco, por um certo tempo, espontaneamente. E nessa convivência, ambos, educador e aprendiz, irão transformar-se de maneira congruente.

Eu tenho um laboratório na Faculdade de ciências na Universidade do Chile e digo que conduzo meu laboratório como um atelier renascentista. Não que eu seja pretensioso, não estou me comparando a Verocchio, que tinha um atelier onde cresceu Leonardo da Vinci. Mas o que ocorria nesse atelier renascentista? Que faziam os aprendizes? Viviam. Melhor dito: Conviviam. Nada mais. E o que faziam nesse conviver? Tudo que se faz no conviver no espaço de convivência: faz-se e reflete-se sobre o fazer. E o corpo se transforma, a corporalidade se transforma no fazer e no refletir sobre os afazeres, de uma maneira congruente com a circunstância na qual se passam esses afazeres a esse refletir. E, depois de um tempo, se é diferente do que se era. Mas não de qualquer maneira, e sim de uma maneira que tem a ver com uma história de interações recorrentes na circunstancia, e não há esforço, e não há trabalho.

Quando eu recebi meu titulo de doutor na Universidade de Harvard fiz meu exame final com cinco professores. Não era um exame publico. E lá estive eu, por quatro horas, respondendo a todos e a tudo, as vezes bem, as vezes não tão bem, ao cabo das quais me disseram: “Senhor Maturana, faça o favor de sair”. Esperei algum tempo do lado de fora, até que alguém me chamou

“Doutor Maturana, faça o favor de entrar”. Interessante, desde aquele momento todos me trataram de doutor: o porteiro, todos os companheiros, alunos e outros professores. Quer dizer : eu estava em outra circunstância. Movia-me pelas mesmas calçadas, mas não eram as mesmas calçadas. Entrava pelas mesmas portas, mas não eram as mesmas portas. Encontrava-me com as mesmas pessoas, mas não eram as mesmas pessoas. E eu não era o mesmo. Isso estava assinalado com o título de doutor, mas título apenas assinalava o dar-se conta de uma circunstância diferente, ainda que os objetos, vistos de outra maneira, ainda fossem os mesmos.

O mesmo se passa com as crianças, e é o mesmo que eu espero que se passe com os estudantes em um laboratório que é um atelier renascentista: que o laboratório seja um espaço para se viver no fazer e no refletir sobre os afazeres, de modo que, com o viver em interações recorrentes, eles e eu nos tornemos diferentes, de uma maneira que tenha um certo significado na comunidade a qual pertencemos já que nenhum de nós vive excluído da comunidade a que pertencemos.

O que deve acontecer para que isso se passe?

Vocês são professores e professoras, ou têm um jardim de infância ao qual chegam crianças pequenas de três a cinco anos. Suponhamos uma criança que foi arrancada de seu mundo, se sua congruência, e foi transportada para outro mundo. E chora. O que tem acontecer para que algo se passe, na pessoa do professor ou professora que encontra essa criança? Em que espaço tem de encontrar-se o professor ou professora? No espaço de um cenário particular. Como se sabe que esse espaço não se configurou. Que faz a criança ao pegar a mão do professor? Que fazem os alunos na Universidade, quando me diz que quer trabalhar comigo, eu lhe digo: “Bem, vejamos o que se passa.” Na verdade, nesse momento, não tenho nenhum desejo especial de que ele trabalhe comigo. “Então, queres trabalhar” E entro em uma conversa, na qual, em algumas ocasiões, a pessoa deixa-se ficar. Em algumas ocasiões, a circunstância é que eu aceito a sua mão e ele aceita a minha mão. É claro: quando eu ofereço a mão e uma criança a aceita, eu também estou aceitando a mão da criança. Estou usando o exemplo da criança pequena para fazer referencia a qualquer momento da vida.

O que tem acontecer?

Primeiro tem que haver um encontro na emoção com o outro?

Por que na emoção?

Eu digo que conotamos ao falar de emoções são domínios de ações. E digo que fazemos isso porque aquilo que conotamos ao falar de emoções de uma emoção particular são ações. Alguém diz: “Fulano esta enraivecido e, portanto, fará isso ou aquilo”, fazendo referencia a um domínio de ações. “Eu estou muito deprimido, não tenho vontade de fazer nada”- esse comentário á uma referencia ao fazer.

Emoções e sentimentos são coisas diferentes. O sentimento se constitui na reflexão sobre como alguém está em seu funcionar. Mas aquilo que se conota ao falar de emoções é um domínio de ações.

Dentre as várias emoções, vou assinalar duas: o amor e o ódio. Não coloco o amor e o ódio como alternativas polares. O oposto de amor não é o ódio é a indiferença. O oposto do ódio não é o amor é a indiferença. Mas os domínios de ações que caracterizam o ódio e o amor são contrapostos. No ódio, as ações são aquelas que contribuam para a destruição do outro. Alguém que odeia se move nas ações que configuram a destruição do outro. O amor é o domínio de ações que constituem o outro como um genuíno outro na convivência.

Para que haja uma história de interações recorrentes, como na Figura 5, o que deve acontecer? As interações não podem ser destrutivas. Se são destrutivas,

“Educar é uma coisa muito simples: é configurar um espaço de convivência desejável para o outro, de forma que eu e o outro possamos fluir no conviver de uma certa maneira particular.”

o outro desaparece, ou os dois desaparecemos. Não podem ser interações negadoras, porque, se são negadoras, o outro não quer estar conosco.

Se eu tivesse chegado aqui hoje e dito: “Vocês não sabem nada, e eu vou lhes dizer como são as coisas!”, quantos de vocês se poriam de pé e deixariam a sala? Certamente muitos. Porque o que eu estaria fazendo no inicio da minha interação com vocês. Negando a legitimidade de seus afazeres. “Mas o que me diz este senhor! Eu tenho vinte anos de experiência, ele não pode negar a mim, as minhas experiências, algo que foi vivido e que trago comigo de uma maneira toda especial!”

Para que haja interações recorrentes, as interações tem que ocorrer em um domínio de ações que constitua o outro como um legitimo outro na convivência. Não podem

acontecer na negação do outro. “Sim, mas podem ocorrer interações recorrentes quando eu persigo o outro!” Sim, pode passar-se outra coisa, pode ser que o outro e enfrente, que haja uma luta. Mas estas são interações recorrentes na negações e na discussão.

“Ah, quer dizer que sucederá o mesmo que ocorreu com o pé e o sapato?” Sim, e pode haver um sapato apertado que alguém decida “amaciar”. Quando eu era menino, assisti a um filme sobre um homem que era um amaciador de sapatos, um cavaleiro que alugava SUS pés para amaciar sapatos novos. Grande parte do filme mostrava o homem com sapatos apertados, e a parte restante era ele, á noite, com os pés em uma tina de água quente.

Quer dizer que, para que haja interações recorrentes de uma maneira fluida, que não levem á destruição do outro, elas tem que se dar na constituição do outro como um legítimo outro na convivência.

“Pode haver hipocrisia?” Sim, mas a hipocrisia a sempre a *posteriori*. Acusamos o outro de hipócrita depois, não do momento.

“Posso eu fazer de conta que aceito o outro como um legítimo outro na convivência e ter um punhal escondido atrás das costas?” Sim.

“E mesmo assim vão acontecer as coisas que correspondem á aceitação do outro como um legítimo outro na convivência?” Sim.

“Até quando?” Até que ele diga que sou louco. Louco quando enxergar a ponta do punhal.

“Ah, então, neste instante, vou dizer que tudo que se passou foi mentira?” Sim. Mas se nunca descobro, nunca vou dizer isso.

Pablo Neruda, em Confesso que vivi, conta de um espanhol de Valparaíso, no qual ele e seus amigos, espanhóis anti-Franco visitavam e com quem tinham grandes discussões poéticas e de raiva contra Franco. Aquele senhor morreu repentinamente e, ao colocarem em ordem seus papéis, porque queriam fazer-lhe uma homenagem, porque era uma pessoa querida, um lutador contra a tirania, descobriram que ele havia sido um agente de Franco durante toda a vida. É o que conta Neruda. O que se passou aí? Claro, a História mudou, mas ninguém lhe poderia tirar o gosto do que aconteceu. Tudo o que viveram, enquanto o viveram na aceitação da sinceridade, deu-se na sinceridade.

“Ah, alguém pode começar na hipocrisia e terminar na sinceridade?” Sim.

“Ah, alguém pode começar na sinceridade e terminar na hipocrisia?” Sim.

Mas para que haja interações recorrentes que não resultem na destruição, a

conduta tem que ser a aceitação do outro como um legítimo outro na convivência.

E qual é essa conduta de interações que constitui o outro como um legítimo outro na convivência? Aquela que aceita o outro em seu espaço de existência e não nega sua legitimidade. Aquela que se encontra com o outro na dignidade do outro. E, na medida em que encontro o outro em sua dignidade, o outro se encontra comigo em minha dignidade. Na medida em que respeito o outro, o outro me respeita.

A criança me dá a mão, ou da a mão a professora no momento em que o encontro se dá, exatamente nestes termos: qual o emocionar-se da professora se encontra com o emocionar-se da criança. O emocionar-se dos dois desde esse encontro, configura uma relação de mutuo respeito. Não, não se tem que falar á criança de respeito mutuo. “Meu filho, eu te respeito, mas cala a boca!” Falar isso? Não, não. Claro que não.

Sempre falo a criança. Mas de que outra coisa se pode falar? Há alguns dias, tive uma inflamação na articulação do quadril, não podia ficar de pé nem caminhar, tinha que permanecer sentado. A duras penas cheguei ao laboratório, na pretensão de que não havia nada mais sério comigo, e aí estou, sentado no laboratório, conversando com meus alunos, quando toca o telefone. Eu não podia ir ao telefone. Meus alunos conversaram sobre minha condição e, juntos, levantaram a mim e á cadeira e levaram-me ao telefone.

Foi uma situação muito interessante porque não houve comiserção, não houve pena de mim. Eu mesmo pensava que talvez não caminhasse nunca mais. Mas o que me agradou nesta relação com os estudantes foi que me trataram como uma pessoa que não podia caminhar. “Dr. Maturana não pode caminhar.” Eu era, legitimamente, um ser que não podia caminhar. Toda essa relação se deu na maravilhosa relação de não poder caminhar. Fui tratado como um legítimo outro. Naquele momento, minha legitimidade consistia em não poder caminhar na convivência.

No momento em que isso se passa com a criança ela me dá a mão. Se isso não se passa, ela não me dá a mão. No momento em que nos dá a mão, ela nos aceita, e nossa tarefa é de configurar um espaço de convivência porque, como adultos, temos uma dimensionalidade maior que a criança, senão por outro motivo, porque ela viveu menos que nós. No caso dos estudantes da Universidade, eles têm vinte ou trinta anos menos que eu, e eu sei mais. Que quer dizer “eu sei mais”? Que faço coisas diferentes das que eles fazem, tenho um senhorio do fazer, no meu afazer normal e em muitos afazeres. Na prática, nunca se chega a isso. Em meu laboratório, os estudantes se tornam capazes de reparar equipamentos eletrônicos, modificar mecanicamente todos os instrumentos com que lidam.

Todas as coisas que lá estão podem ser armadas e desarmadas, reformadas segundo os afazeres a que se dedicam. Isso é verdade no palco das ações, e quando refletimos sobre as ações falamos nisso.

É isso que se passa com as crianças em todos os momentos de suas vidas. E é o que se passa conosco agora: vocês me convidaram hoje, eu sei que não disse nada de novo, apenas ordenei as coisas de maneiras diferentes e, precisamente, no convite para que ordenemos coisas diferentemente está a possibilidade de criar ou modificar o espaço do escutar. Esta é a tarefa, a responsabilidade do professor: a de criar um espaço de convivência no qual irá existir, junto com a criança, o jovem. Que espaço de convivência? Aquele em que se vive. As crianças sempre sabem quando alguém lhes mente. Todos sabemos quando o outro mente. E quando mente o outro? Quando fala de um viver que não pratica.

De modo que nossa tarefa na relação com as crianças é configurar um espaço de convivência no qual a criança possa co-derivar conosco, transformando-se, realizando-se como um ser social, nesse usufruir de si mesmo e do outro, em que possa respeitar o outro, consciente de pertencer a uma sociedade em um âmbito maior, que é o âmbito ecológico em que vive.

Com isso termino, porque o café nos espera, porque no fundo a função do café é dar um fecho. Claro, tudo se amarra com o que queremos dizer, que é direto de nos respeitarmos com responsabilidade. Porque isso vai se passar conosco de qualquer maneira. De todas as maneiras somos mutuamente educadores, porque mutuamente estamos configurando com nossa conduta um mundo que se faz legítimo no viver com o outro, cotidianamente. Mas em que mundo queremos viver? Se queremos um mundo de respeito pelo outro, tem que ser um mundo em que as crianças cresçam com respeito por si mesmas. Para tanto, nossa interação com elas não pode ser uma interação negadora. Não podemos castigar a criança por ser, apenas podemos corrigir o seu ser.

E isso não é trivial.